

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Fevereiro de 1993



NESTE NÚMERO

- 2 Missão Global**
- 3 De Coração a Coração**
Por Joaquim Dias
- 4 Cavalo de Tróia dentro da Igreja**
Por Enoch de Oliveira
- 9 O Remanescente de Deus Posto à Prova**
Por Pedro Brito Ribeiro
- 11 Porque é que tantos jovens deixam a Igreja?**
Por John Graz
- 13 Um Evangelho Equilibrado**
Por S. J. Schwantes
- 16 Notícias**
- 19 Notícias Internacionais**
- 20 A Rádio Mundial Adventista**
Por Andrea Steele

PENSAMENTO DO MÊS

A igreja de Cristo, debio e defeituosa como possa ser, é o único objecto na Terra ao qual Ele dispensa Seu supremo cuidado.

E. G. White



Missão Global

Campanhas de Evangelização 1993

O ano de 1993 é, como todos sabem, um ano de evangelização, e isto tanto para os jovens como para toda a Igreja. Por isso, o Conselho da União propôs que em todas as igrejas e congregações se realizasse uma campanha de evangelização durante o primeiro semestre.

Eis a lista das igrejas e obreiros que já marcaram as datas das suas campanhas para 1993:

Igreja/Grupo	Data	Orador
Funchal-Madeira	1 a 10 de Abril	Joaquim Dias
Angra do Heroísmo	9 a 18 de Abril	Joaquim Casaquinha
Odivelas	21/3 a 3 de Abril	Rogério Nobrega
Matosinhos	1 a 9 de Maio	Domingos Freixo
Fundão	2 a 11 de Maio	Paulo Mendes
Almada	16 a 26 de Abril	Ezequiel Quintino
Aveiro	19 a 28 de Março	Daniel Esteves
Gaia	3 a 11 de Abril	Victor Alves
Vila Franca	2 a 11 de Abril	Manuel Marinheiro
Avintes	14/5 a 6 de Junho	José M. Matos
Braga	16 a 30 de Maio	José Eduardo Teixeira
C.A.O.D.	16 a 30 de Maio	Daniel Bastos
Delães/S. Mateus	16 a 25 de Abril	José M. Matos
Entroncamento	4 a 11 de Abril	Fernando Gonçalves
Ermesinde	Março/Abril	António Carvalho
Paivas	Maio	Hortelinda Gal
Corroios	Maio	Hortelinda Gal
Porto	Março/Abril	António Maurício
Tomar	23/4 a 2 de Maio	Daniel Martins
Setúbal	28/5 a 6 de Junho	Joaquim Nogueira

Esperamos que esta lista vá aumentando, e disso iremos dando conta aos nossos leitores.

Às igrejas que já têm a sua campanha marcada, desejamos-lhes o maior êxito na sua preparação e grandes bênçãos na sua realização.

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Fevereiro de 1993 — Ano L • N.º 550

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO E

ADMINISTRAÇÃO

Rua Joaquim Bonifácio, 17

1199 Lisboa Codex

Telef. (01) 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual

950\$00

Número Avulso

95\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.

Vale Travelho • Pedreiras

2480 Porto de Mós

Telef. (044) 402413

Fax: (044) 401575

Depósito Legal n.º 2705/83



De Coração a Coração

Passados os primeiros seis meses após a Assembleia da União, desejo falar abertamente, de coração a coração, com os meus irmãos e irmãs, sobre a marcha, os desafios e a missão da nossa igreja.

Antes de tudo quero testemunhar e agradecer o maravilhoso e amplo apoio que recebo dos inúmeros irmãos e irmãs, que tenho encontrado nas igrejas, ou que me visitam no escritório da União. Eles têm sido uma fonte de bênçãos e de inspiração com os seus actos e palavras de encorajamento, de fé, de acção missionária e evangelística, de dedicação à Causa de Deus e, sobretudo, pelas orações de intercessão em favor do nosso ministério.

Sente-se o pulsar da vida espiritual dos membros e do seu amor pela Causa de Deus. A Igreja Adventista em Portugal está consciente dos tempos solenes que vivemos e da proximidade da volta de Jesus.

É grande a alegria ao ver o empenhamento dos crentes no desenvolvimento e expansão do Evangelho Eterno pela nossa Igreja. Isso é demonstrado de maneiras bem variadas: membros que se dispõem a desenvolver a obra missionária numa zona, solicitando apenas a participação na renda de uma sala; um grupo de crentes que já dispõe de um terreno e alguns milhares de contos, pedindo somente a participação da União para construir uma nova igreja: alguns disponibilizam-se para um serviço activo na base de voluntariado; outros, ainda, tomam a iniciativa de financiar projectos de publicações ou programas de rádio. Estes são alguns dos numerosos exemplos reais de consagração e ardente desejo de ver Jesus voltar e acabar com o pecado.

É com mágoa, porém, que nem sempre podemos aproveitar várias dessas iniciativas, porque na União não se dispõe dos recursos financeiros ou humanos necessários, como se refere a seguir.

1. Temos lugares de culto sem pastor em Elvas, Sto. André (com casa para obreiro), Porto Santo, na Madeira e na Cidade da Horta nos Açores (também com casa mobilada para o obreiro), o mesmo acontecendo praticamente em Peniche, Rio Maior e Évora, que são atendidos provisoriamente por acumulação. Tal como no tempo de Jesus, «a seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros» (Mat. 9:37, 38). Estamos orando, como Jesus aconselhou, para que surjam mais obreiros e membros disponíveis para ir a esses lugares. Precisa-se de jovens que se consagrem ao ministério; de jovens que possam dedicar um ou dois anos da sua vida para servir a Deus no Serviço Voluntário Adventista; de casais reformados disponíveis, que possam fazer um trabalho missionário nesses lugares e outros idênticos.

Mais que nunca são pertinentes as palavras da mensageira: «Há um mundo a ser advertido. A nós foi confiada essa tarefa. Devemos praticar a verdade a qualquer custo. Devemos portar-nos como milicianos abnegados, dispostos a perder a própria vida, se necessário for, no serviço de Deus. Há uma grande obra a ser feita em pouco tempo... Entrar na cruzada contra Satanás, levantando bem alto a bandeira ensanguentada da cruz de Cristo — esse é o dever de todo o cristão».¹

Além destes lugares de culto sem pastores, há oportunidades de evangelismo sem precedentes que nos desafiam. A sociedade portuguesa e os vários organismos estão mais abertos e acessíveis às nossas acções evangelísticas. Temos acesso e boa aceitação entre a classe média e alta para a apresentação da nossa mensagem. Pedem-nos, por exemplo, para dar utilização a edifícios públicos desactivados, como é o caso de uma escola primária na zona do Porto e uma Casa do Povo na zona de Torres Vedras. Dezenas de milhares de africanos e mais de uma de-

zena de igrejas de ciganos na grande Lisboa são outras oportunidades missionárias que nos desafiam e estão dentro da estratégia da Missão Global.

2. Temos um elevado número de reconstruções e novas construções aguardando concretização. Para as obras que estão em curso, como Serpins, Comenda, Ribeira de Nisa, Lomba de S. Pedro, Vila do Conde, Alvalade e Póvoa de Sta. Iria, etc., há um dispêndio de aproximadamente quinze mil contos sem provisão orçamental específica. Quanto aos projectos a executar logo que haja os meios disponíveis, ou um plano de financiamento adequado, precisamos de aproximadamente duzentos mil contos para a fase estrutural. Trata-se essencialmente de igrejas em plena pujança, sem lugares para acolher os membros actuais e sem as mínimas acomodações para as actividades da Escola Sabatina e dos Jovens. Basta citar, a título de exemplo, a situação de Sangalhos, V. N. de Monsarros, Tomar, Braga e Aveiro, que «rebetam pelas costuras» e com uma juventude que, se for minimamente cuidada, causará em breve, naqueles lugares, uma verdadeira explosão demográfica adventista. Na maioria dos casos essas igrejas já adquiriram terreno, têm alguns fundos próprios e um projecto aprovado.

Convém salientar também os grandes desafios que enfrentamos para os projectos especiais das novas instalações da Publicadora, da Escola de Lisboa e do novo Lar Adventista Para Pessoas Idosas, no Norte. Precisamos de nos unir num plano de acção comum, num espírito de serviço, de reconsecração e de fidelidade.

3. Temos um plano divino para estes desafios. A Obra é de Deus e é para Ele que nos devemos voltar. «Sempre que o povo de Deus, em qualquer período do mundo, seguiu voluntária e alegremente o plano d'Ele quanto à

beneficência sistemática e às dádivas e ofertas, verificaram Sua permanente promessa de que todos os seus labores, seriam seguidos de prosperidade proporcional à obediência que dispensavam ao que deles requeria». ² Deus promete prosperidade para cada um, individualmente, e para os desafios que hoje enfrentamos na Sua igreja.

Precisamos de renovar a nossa fidelidade nos dízimos e nas ofertas e experimentar o repto que o Senhor nos lança. «Trazei todos os dízimos à casa do tesouro para que haja mantimento na minha casa, e depois fizeti prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abundância» (Mal. 3:10). Esta mensagem «nada perdeu de sua força. É justamente tão nova quanto à sua importância como novas e contínuas são as dádivas de Deus». ³ Sabemos que «não há, por assim dizer, escassez de recursos entre os adventistas do sétimo dia. Mas muitos adventistas do sétimo dia deixam de reconhecer a responsabilidade que sobre eles repousa de cooperar com Deus e com Cristo na salvação de almas». ⁴ A renovação da fidelidade nos dízimos e nas ofertas, de cada jovem, cada irmão e cada irmã, proporcionará à Igreja os meios para enfrentar muitos desafios até agora impossíveis. Ao realizar que, em grande parte, o avanço da Causa de Deus depende da nossa fidelidade, somos levados a exclamar: Tremenda responsabilidade! Abençoado privilégio!

Além da fidelidade nos dízimos e nas ofertas comuns, há uma outra oportunidade que Deus concede a muitos crentes. Trata-se de bênçãos em bens imóveis que lhes foram confiados e desejam que venham a contribuir para a proclamação do Evangelho. Este é também um aspecto importante do nosso relacionamento e comunhão com Deus e a Sua causa. Muitos desejam fazê-lo e importa saber como e quando devemos actuar.

Sentimos ser oportuno deixar uma palavra de apreço e de esclarecimento para esses crentes que amam a Deus e estão tomando disposições para deixar os seus bens à Sua Causa, depois de morrer. Isso é importante, mas talvez Deus deseje que isso beneficie a Sua Causa agora. Em certas situações, «legados deixados na morte são uma miserável compensação da beneficência

que se devia praticar em vida. Os servos de Deus devem dispor de seus bens todos os dias em boas obras e ofertas liberais ao Senhor». ⁵ Igualmente a serwa do Senhor esclarece que, «os que esperam até à hora da morte para dispor sobre seus bens, parece que o fazem mais por causa da morte do que por amor de Deus. Assim procedendo, muitos estão agindo em oposição directa ao plano que Deus estabeleceu em Sua Palavra. Se quiserem fazer bem, devem aproveitar os preciosos momentos do presente, e envidar todos os esforços, como que temendo perder a oportunidade favorável para o fazer». ⁶

Neste sentido lançamos aqui um veemente apelo a esses queridos crentes que amam a Causa de Deus e desejam honrá-l'O com as suas propriedades. Se algumas dessas propriedades fossem vendidas agora, haveria fundos para construir igrejas e pregar o Evangelho em mais lugares, apressando, assim, a vinda de Jesus.

Este partilhar sobre a marcha, os desafios e a missão da nossa Igreja na expansão do Evangelho Eterno em Portugal encontrará seguramente eco nos nossos crentes. Sabemos que «são chegadas as cenas finais do mundo. Os que consideram devidamente estas coisas serão levados a fazer inteira consagração a seu Deus, de tudo quanto possuem e são». ⁷ A melhor resposta que cada um dará será aquela que Deus lhe inspira, de acordo com os seus talentos e a acção do Espírito Santo, de maneira a mover toda a Igreja numa experiência mais profunda no Serviço, na Consagração e na Fidelidade. Neste conhecimento comum da nossa realidade, dispostos todos a participar com o que temos, embora «diferentes no espírito e nas ideias, um único objectivo deve unir coração a coração — a conversão de almas, que atrai todos à cruz». ⁸

Referências:

1. E. G. White, *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 43, 44
2. E. G. White, *Testemunhos Selectos*, Vol. 1, p. 375
3. E. G. White, *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 82
4. *Ibid.*, p. 85
5. *Ibid.*, p. 326
6. *Ibid.*, p. 325
7. E. G. White, *Evangelismo*, p. 16
8. *Ibid.*, p. 99

Joaquim Dias

Presidente da União Portuguesa

Cavalo de

Último sermão
na Igreja Central de
A sua

Nesta manhã, gostaria de apresentar um sermão diferente. Talvez, à saída, eu precise de uns dois guarda-costas para me proteger...

Foi João Calvino, o grande reformador, que, no momento de crise para a igreja da Reforma, enviou uma carta a Margarida de Navarro, que dizia: «Um cachorro ladra quando o seu dono é atacado.» E eu seria um covarde se visse a Igreja de Deus ameaçada e guardasse silêncio, sem dar sinal de alarme.

Durante 46 anos tenho pregado a Cristo e o poder redentor do Evangelho. Durante 46 anos tenho pregado a Palavra de Deus, e diante dos perigos que hoje confrontam a Igreja eu seria um covarde se, nesta manhã, guardasse silêncio sem denunciar as forças que hoje ameaçam este último movimento profético da Igreja de Deus.

Sim, quero nesta manhã denunciar, sem reservas, sem eufemismos, sem circunlóquios, os perigos que ameaçam, perigos que militam contra a Igreja de Deus, o corpo místico de Cristo. Mas antes gostaria de fazer duas observações, à maneira de introdução:

1.ª observação: O tema de hoje não tem como endereço pessoas específicas. Não trago carapuças para pôr na cabeça de ninguém. É tarefa do pastor também instruir, repreender, guiar e orientar a Igreja, mas deve fazê-lo com amor e ternura. Eu amo a todos os membros desta Igreja, e peço a Deus que me dê palavras suaves para que, denunciando pecados, não denuncie pessoas.

2.ª observação: Temos muitas visitas nesta manhã, e elas são bem-

Tróia dentro da Igreja

pregado pelo Pastor Enoch de Oliveira,
Curitiba, Brasil, no dia 22 de Fevereiro de 1992,
a morte ocorreu no dia 10 de Abril.

-vindas a esta igreja. A igreja e o pregador alegram-se com as visitas que aqui temos. Mas uma família reúne-se muitas vezes para discutir os seus problemas internos, e hoje a família de Deus, a comunidade adventista da Igreja Central de Curitiba, aqui está reunida para ouvir a exposição de alguns dos seus problemas internos.

O tema do meu sermão desta manhã tem como título «Cavalo de Tróia Dentro da Igreja». Num de seus poemas épicos. Homero, o grande poeta helénico, conta-nos que as tropas gregas cercaram a cidade de Tróia durante dez anos. Foi um cerco duro e severo; cem mil soldados cercaram a cidade de Tróia, que resistiu com bravura, com heroísmo, com impressionante determinação. Quando os gregos perceberam que os muros da cidade de Tróia eram inexpugnáveis, que eles jamais poderiam transpor as muralhas da cidade, imaginaram uma estratégia astuciosa. Convocaram um carpinteiro — um mestre, um notável marceneiro — e pediram que construísse um imenso cavalo de madeira. Esse cavalo de madeira, eu diria, estava sobre rodas, de maneira que podia ser movido sobre suas rodas. E, quando o cavalo estava pronto (uma obra de arte perfeita!), os soldados gregos simularam a retirada. Os cem mil soldados retiraram-se e os habitantes de Tróia celebraram a grande vitória. Afinal, o cerco foi suspenso.

«Nós triunfámos sobre os gregos», pensaram. Mas os gregos foram além em sua estratégia. Pagaram a um traidor dentro da cidade de Tróia para convencer os dirigentes, as autorida-

des de Tróia, para trazerem o cavalo de madeira para dentro da cidade como um troféu memorável da vitória alcançada.

E, no dia seguinte, entre aclamações, a população levou o cavalo para dentro da cidade de Tróia. Foi um dia de celebrações triunfais. À noite, quando a população dormia, soldados gregos que se esconderam no ventre daquele cavalo de madeira, saíram sub-repticiamente do interior do cavalo, desceram e cuidadosamente abriram os portais de ferro, as grandes portas da cidade Tróia. E os soldados gregos, que haviam simulado uma retirada, voltaram precipitadamente, e naquela madrugada invadiram a cidade e passaram os habitantes de Tróia à espada. Era o grande triunfo dos gregos, conquistado com astúcia e habilidade.

Nós podemos derivar desse poema épico algumas lições preciosas, aplicáveis à realidade que a Igreja vive hoje. Por muitos anos, durante décadas, a Igreja Adventista permaneceu inexpugnável, imbatível, invencível diante do assédio do inimigo. Fomos atacados com violência, mas a Igreja permaneceu invencível. Mas, em sua determinação por conquistar a cidade de Deus, o príncipe deste mundo vale-se de especial astúcia, empregando armas de terrível poder destruidor, depois de muitos esforços por vencer esta cidade. Empregando o mesmo artilharia dos gregos no passado, Satanás conseguiu introduzir um cavalo de Tróia dentro dos muros de Sião, a cidade de Deus. Este cavalo de Tróia chama-se *liberalismo*.

E agora, sentindo a obra nefasta e ruidosa do liberalismo no seio da Igreja, percebemos quão vulneráveis somos aos ataques de Satanás. Durante muito tempo pensávamos que os nossos maiores inimigos estavam lá fora, e agora percebemos o significado de uma declaração do Espírito de Profecia. Atentem para esta declaração:

«Temos muito mais a temer pelo que vem de dentro do que pelo que vem de fora.» — *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 122.

Faço-lhes, agora, uma pergunta: Quem são os que promovem o liberalismo dentro da Igreja? Não são pessoas más; são cristãos que amam a Igreja como vós e eu; eles gostariam de ter a fé, o zelo e o fervor que marcaram a vida de nossos maiores. Mas com toda a sinceridade do coração, confessam não possuir estas virtudes. Eles desejam uma igreja diferente, querem uma igreja mais descontraída, mais moderna, mais aberta, mais tolerante, uma igreja mais condescendente com o mundo. Não percebem eles o compromisso que temos com Deus, como um povo peculiar que somos, de sermos diferentes. Não vêem que o movimento adventista constitui um movimento profético. Perderam de vista a dimensão escatológica de nossa esperança e não sentem a urgência de nossa missão. Representando um amplo espectro do pensamento religioso, eles esforçam-se por introduzir inovações na Igreja, tendo em vista torná-la mais popular, mais aceitável, mais tolerante, com uma roupagem mais moderna. Há os que desejam uma igreja menos rígida com relação às bebidas alcoólicas: Porque não permitimos, não aceitamos o «inocente» vinho, a «inocente» cerveja, e até mesmo o licor, em nossas festas sociais? Porquê tanta intransigência? — dizem eles.

A Bíblia é clara quando nos diz: «Não olhes para o vinho, quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo, e se escoia suavemente.» A Bíblia diz: «Para quem são os ais,

Enoch de Oliveira

para quem os pesares? Para quem as feridas sem causa? E para quem os olhos vermelhos? Para aqueles que se demoram em beber vinho.»

A Bíblia não faz concessões, e como Igreja nós não podemos fazer concessão de forma alguma, Edgard Allan Poe foi um dos gênios da literatura internacional, um dos maiores escritores da língua inglesa. Morreu prematuramente, vítima de cirrose hepática e *delirium tremens*. Escreveu, em sua curta existência, livros que traduzem mais talento e capacidade literária do que qualquer outro escritor da língua inglesa. E enquanto nos estertores da morte, em seu delírio ele balbuciava: «Minha mãe, minha mãe! Minha mãe me deu o primeiro copo!»

Foi a mãe de Edgard Allan Poe que lhe deu o primeiro copo e fez dele um ébrio. Como Igreja, jamais queremos que os pais aqui presentes, que as mães aqui presentes, dêem o primeiro copo, iniciando seus filhos na trilha do vício, tornando-se eles, amanhã, bêbados contumazes.

Há os que defendem o uso das correntinhas, dos anéis e das jóias. Por que razão a Igreja é tão intransigente? Leio as palavras do Apóstolo São Pedro numa tradução moderna: «Não se preocupem com a beleza exterior que depende de jóias, ou de roupas bonitas, ou de penteados extravagantes. Sejam belas interiormente, em seus corações, com o encanto duradouro do espírito amável e manso, que é tão precioso para Deus.» I Pedro 3:3 e 4.

A Igreja, com a Palavra de Deus nas mãos, exalta os encantos da modestia cristã, o princípio da simplicidade em todas as coisas.

Há, no nosso meio, os que não hesitam em advogar a actividade sexual pré-marital (fornicação, na expressão bíblica) — Cavalos de Tróia dentro da Igreja! E a Palavra de Deus diz que os fornicários não terão parte no reino de Deus. Aos que não vacilam em defender a experiência sexual extra-marital (adultério), a Bíblia diz: os adúlteros não terão parte no reino de Deus.

Numa sociedade permissiva, saturada de sexo, uma sociedade imunda, uma sociedade de vícios, degra-

dada pelas mais vis concupiscências, os adventistas são instados a ser o sal da terra e a luz do mundo. Numa sociedade que glorifica o homossexualismo, numa sociedade que exalta a infidelidade conjugal, os adventistas não podem fazer concessão de espécie alguma. Mas, dizem os liberais: «A Igreja precisa de se modernizar, a Igreja precisa de ser mais aberta, ser menos medieval, menos obscurantista.»

Devo dizer-lhes uma coisa: Quem é responsável por essas normas, por esses princípios que caracterizam a Igreja? Quem é responsável pelos princípios de fé que formam o adventismo? Não é o Pastor Wolff, presidente da Divisão Sul-Americana; tampouco o Pastor Gorski, presidente da União Sul-Brasileira, e muito menos o Pastor Fuckner, presidente da Associação Sul-Paranaense. O Pastor Octávio, pastor desta igreja, também não é o responsável.

Alguns dizem que essas normas obsoletas e absurdas são estruturadas, são criadas por um corpo de pastores intransigentes, confinados numa torre de marfim, incapazes de entender os tempos e as estações.

Quem é responsável por essas normas? Todas as declarações de fé do adventismo, todo o corpo de normas e princípios defendidos pela Igreja são decisões consensuais tomadas pela Igreja como um todo, e não por um grupo de indivíduos. Cada cinco anos — os adventistas devem saber disto — a Igreja mundial reúne-se com delegações representando todas as nações da Terra, onde o adventismo está presente. E, com oração, discutem, entre outras coisas, o programa da Igreja, as finanças da Igreja, os planos de acção da Igreja e o *Manual da Igreja*. Em 1990, a Igreja reuniu-se em Indianápolis e havia os liberais presentes, que queriam fazer reformas substanciais numa nova Igreja. Lembro-me de que conversei com um que havia sido meu colega de estudos e hoje é professor universitário numa Universidade dos Estados Unidos. Ele promovia mudanças radicais no *Manual da Igreja*. Orquestrou um movimento, mas os delegados da África, os delegados da Ásia, os delegados das ilhas do Pacífico, os de-

legados da Europa, os delegados das Américas, reunidos, decidiram: o *Manual da Igreja* permanecerá intocado. Oraram e o Espírito Santo os guiou. Não podemos rebelar-nos contra os manifestos de fé, não podemos rebelar-nos contra os princípios da Igreja, pois estes princípios são enviados e dirigidos pelo Espírito Santo através da sua Igreja.

Em 1956 a Igreja patrocinou um acampamento nas montanhas do Norte da Itália (um acampamento de jovens). Era noite, e junto a uma fogueira os jovens cantavam, expressando através do cântico a sua esperança. Aproximou-se daquele grupo um homem já encanecido, grisalho, que se sentou e acompanhou todo o entusiasmo daquele grupo de jovens e, finalmente, aproximando-se do dirigente (um pastor americano), disse: «Pastor, vocês, os adventistas, devem continuar a obra que nós deixamos de realizar. Nós, os valdenses, para salvar a juventude nossa, autorizamos as bebidas alcoólicas entre eles. Depois contruímos salões de bailes junto às nossas igrejas só para manter os nossos jovens na igreja. E foi de concessão em concessão que perdemos os nossos jovens, perdemos a nossa igreja, e hoje somos sem futuro; temos apenas um passado.» E ele terminou dizendo: «Vocês, os adventistas devem continuar. Vocês devem realizar a obra que nós deixamos de cumprir.»

Tenho aqui um livro escrito em inglês: «Porque Avançam as Igrejas Conservadoras». O autor descreve o fracasso de todas as igrejas liberais, igrejas que outrora foram conservadoras, e todas elas hoje sofrem um terrível fracasso. Com efeito, trago aqui algumas estatísticas extraídas de um outro livro: «Mantenhamos a Chama Acesa», que diz: «A Igreja Unida Presbiteriana nos Estados Unidos perdeu, num curto período de dois anos, mais de 400 mil membros. A Igreja Episcopal perdeu mais ou menos o mesmo número de membros. A Igreja dos Discípulos de Cristo, 450 mil membros. A Igreja Metodista, um milhão de membros. E a Igreja Católica no Brasil, perde mil membros cada dia, de acordo com a estatística apresentada pela própria Igreja Católica.»

É um teólogo metodista, descrevendo o problema da Igreja Metodista, diz o seguinte: «Quem é responsável pelo fracasso da Igreja? O êxodo que os metodistas enfrentam não deve ser atribuído às forças externas. A culpa cabe à própria Igreja.» E ele acrescenta: «Se a Igreja Metodista estivesse sendo atacada por inimigos externos, se estivesse sofrendo perseguição como consequência do seu esforço por evangelizar o mundo, haveria esperança. Mas o mundo não persegue uma igreja que não parece defender mais coisa alguma. A Igreja Metodista está em declínio como resultado de seu próprio fracasso em preservar sua herança religiosa.»

Eu gostaria de falar dos seminários que estão sendo vendidos, por falta de vocações ministeriais. Os templos que estão vazios (85% da população brasileira confessa-se católica, mas apenas 8% vão à missa).

Porque crescem as igrejas ortodoxas? Porque defendem princípios, defendem normas, defendem alguma coisa.

O liberalismo entrou na Igreja, e escancarou as portas da Igreja de Deus a outros inimigos: o secularismo, o mundanismo, o conformismo, o nominalismo, o imobilismo, e uma série de outros «ismos». Vou mencionar rapidamente alguns desses «ismos» — um terrível intruso que levanta a sua arrogante cabeça dentro da Igreja, hoje: *o secularismo*.

O secularismo é um esforço para organizar a vida como se Deus não existisse. A Igreja divide-se hoje em dois grupos: os supernaturalistas e os secularistas. Os supernaturalistas possuem uma religião vertical; os secularistas, uma religião horizontal. Os secularistas ocupam-se com as coisas deste mundo; os supernaturalistas, com as coisas de Deus. A Trindade dos supernaturalistas é: Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo. A trindade do secularista é: móveis, imóveis e automóveis. O supernaturalista vê na Igreja o centro onde Deus concentra todo o Seu amor, toda a

Sua suprema atenção; o secularista vê na Igreja uma instituição obsoleta, antiquada e irrelevante. Para o secularista há sempre um espaço crescente para o mundo e um espaço menor para Deus (há mais tempo para a televisão e menos tempo para a devoção, há mais tempo para a recreação e menos tempo para a oração).

E quais as consequências do secularismo? Paulo estava numa prisão (a última prisão) em Roma, e um amigo, Demas, o abandonou. E Paulo disse: «Até Demas me abandonou, amando o presente século.»

O fim inevitável dos que se deixam arrastar por essa onda ameaçadora, o secularismo, é sombrio e terrível.

Outro intruso que penetrou nos muros de Sião é o *mundanismo*. A Palavra diz: «Não ameis o mundo nem o que no mundo há.» Eu reconheço a existência de um paradoxo na Bíblia, uma tensão — a Bíblia diz: «Não ameis o mundo», mas ao mesmo tem-

O secularismo é um esforço por organizar a vida como se Deus não existisse

po diz que «Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho» (um paradoxo). Nós não somos do mundo, diz a Bíblia, mas também diz: «Ide a todo o mundo». Esta tensão, este paradoxo, está presente nas páginas da Bíblia.

Mas, o que é o mundanismo? O dicionário define o mundanismo como o gosto pelos prazeres do mundo. Muitas vezes viajei de avião para Manaus, e há um espetáculo maravilhoso que chama a atenção de todo o visitante que chega a Manaus durante o dia, que é contemplar o encontro das águas do Rio Negro que se encontram com o caudaloso Amazonas. O Amazonas com suas águas barrentas, o Rio Negro com as suas águas escuras; as águas encontram-

-se, mas percebe-se que, através de quilômetros, elas não se misturam. Elas fluem para a direção leste, sem se misturarem. O encontro das águas!

Nós nos encontramos com o mundo cada dia: com os nossos fornecedores, com os nossos vizinhos, com os nossos colegas de trabalho, com os nossos colegas de estudo. Devemos amá-los porque Cristo morreu por eles também; devemos servi-los, devemos ajudá-los, mas não devemos misturar-nos com os seus programas que ofendem a Deus.

Israel um dia pediu um rei. Não era plano de Deus que Israel tivesse um rei, mas Israel queria ser como o mundo, queria imitar o mundo e pediu um rei, e teve o seu rei. E, em pouco tempo, os reis começaram a casar-se com as filhas de outras casas reais, que trouxeram para Israel o mais crasso paganismo, as formas mais corruptas de idolatria, e não tardou que o rei de Israel sacrificasse os seus próprios filhos, imolando-os em cultos vis aos deuses pagãos. O mundanismo leva a alma crente aos mais escuros abismos da rebelião.

Outro intruso que penetrou na Igreja: o espírito conformista — o *conformismo*. Em Romanos 12:2 e 3, o apóstolo Paulo, com linguagem veemente, diz: «E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação de vosso entendimento.» Há, da parte de muitos entre nós, um gradual conformismo com o mundo, com a conversação do mundo, com a música do mundo, com o estilo de vida do mundo. E eu às vezes penso na mulher de Lot, que vivia num nauseabundo ambiente, onde se cometiam os mais torpes vícios, os mais degradantes pecados do sexo. Daí surgiu a palavra *sodomismo*.

Penso que a mulher de Lot era uma mulher virtuosa, que nunca se submeteu aos vícios de Sodoma, mas ela conformou-se com as misérias morais que se perpetravam em Sodoma. Ela perdeu a capacidade de revelar justa indignação, de se rebelar contra toda a miséria moral de Sodoma, e quando foi levada pelo anjo para fora da

cidade, o anjo pediu: «Não olhes para trás!» Mas o coração daquela mulher estava tão preso a Sodoma (uma encantadora cidade, atractiva, bela, fascinante), e ela olhou para trás. E a justiça divina desceu implacável sobre ela.

Somos concitados a não nos conformar com este mundo, mas experimentar uma transformação. A expressão grega fala dessa metamorfose — somos instados a nos metamorfosarmos no coração, uma transformação interior.

Outro intruso que levanta a sua cabeça arrogante dentro da Igreja: o *nominalismo*. Crentes nominais, que têm o nome de adventistas, que se identificam como adventistas mas não vivem as virtudes do adventismo.

A igreja primitiva, a igreja apostólica, era conhecida pelo fervor, pela dedicação, pelo entusiasmo dos seus membros. Nem a perseguição, nem a tortura, nem a prisão, nem o martírio foram suficientes para esmagar o ânimo daquela igreja. Mas, no IV século, Constantino, o Imperador, abraçou ao cristianismo sem experimentar os encantos, o gozo da conversão. E a Igreja saiu do escuro recesso das catacumbas para gozar o favor do palácio, para receber as benesses, os favores da corte imperial. E a Igreja encheu-se de crentes nominais e se corrompeu, e pavimentou o caminho para a mais escura apostasia. Um espírito de intransigência tomou conta da Igreja.

Há alguns anos, fui convidado a apresentar uma palestra a um grupo de pastores em Montevideo, Uruguai (pastores não-adventistas), sobre «o que crêem e o que professam os adventistas». Levaram-me a um lugar muito aprazível, situado a 30 quilómetros de Montevideo. Tivemos uma reunião extraordinária, com um grupo de 40 pastores reunidos. Era um lugar de retiro de pastores, havia uma linda biblioteca, fórum, regato, árvores frutíferas, árvores ornamentais, uma relva muito bem cuidada (era um centro valdense). Quando terminei a palestra, um pastor convidou-me para conhecer a Catedral Valdense.

Era uma linda catedral, com uma nave bonita, o melhor e maior órgão do país. Ele mostrou-me o museu valdense, onde estão os documentos do período de perseguição da Igreja. E, ao ver aquela magnífica igreja, lindamente encarpetada, perguntei: «Pastor, quantos são os valdenses no Uruguai?» Ele baixou a cabeça e disse: «Somos 35 mil, mas a maioria é crente dos 'Três Sinais'. Nós contamos com apenas sete mil valdenses no Uruguai.» Crente dos «Três Sinais», eu nunca havia ouvido esta expressão antes. Então o Pastor me explicou que são os crentes que recebem a bênção apenas no *nascimento, casamento e morte*. Crasso nominalismo!

Reconheço ter apresentado um quadro muito sombrio da Igreja. Mas, em minhas reflexões finais, quero apre-



sentar uma perspectiva mais luminosa, mais brilhante. Há uma citação, no Espírito de Profecia, que me traz muito conforto (*Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 380):

«A igreja talvez pareça como pres-tes a cair, mas não cairá. Ela permanece, ao passo que os pecadores de Sião serão lançados no joeiramento — a palha separada do trigo precioso.»

Este movimento triunfará. O fogo jamais morrerá nos altares adventistas. Mesmo que todos nós (inclusive o pregador), levados pelo secularismo (como Demas), ou levados pelo

conformismo (como a mulher de Lot), abandonemos a Igreja de Deus, Ele há-de suscitar um remanescente que iluminará a Terra com os fulgores da glória divina. E este movimento triunfará.

A minha pergunta agora é esta: Triunfarei também com este movimento? Triunfareis também com este movimento?

Experimentando as bênçãos de um reavivamento, nós haveremos de triunfar. E esta é a mais sentida necessidade da Igreja hoje, é a minha maior necessidade agora: um reavivamento em minha vida espiritual, em minha relação com Deus, em minha relação com o Senhor Jesus.

Em 1902, houve na Escócia um grande reavivamento. Milhares e milhares, dezenas de milhares foram sacudidos por um reavivamento que marcou a história da pregação no mundo. Certo dia, um turista norte-americano embarcou para conhecer a cidade em que ocorrera o grande reavivamento. Desceu no aeroporto, foi ao hotel, e saiu para saber onde começou o reavivamento. Então perguntou a um policial de rua: «Eu soube que aqui, em 1902, ocorreu um grande reavivamento, e em 1952 ocorreu outro grande reavivamento, no mesmo lugar. Onde começou esse reavivamento, senhor polícia?» E o guarda estufou o peito e disse: «Este reavivamento começou debaixo destes botões dourados, dentro deste peito; aqui neste coração começou este reavivamento!»

Necessitamos de um reavivamento, mas ele deve começar dentro deste coração, já um pouco cansado. Este reavivamento deve começar em teu coração. Então, nos prepararemos para o grande triunfo final.

«Graças Te damos, ó Deus, pela Tua presença neste culto. Ao sairmos agora deste recinto, pedimos-Te que nos acompanhes com o Teu poder. Dá-nos a presença dos Teus anjos e a companhia do Teu Santo Espírito, hoje e sempre, por Jesus Te pedimos. Amén!»

Enoch de Oliveira, que foi vice-presidente da Associação Geral, faleceu em Abril de 1992.

O Remanescente de Deus Posto à Prova

Como está Deus testando o Seu povo remanescente cada semana?

Testar, fazer o ponto, pôr à prova, são termos muito semelhantes. Tratando-se de um aluno na escola, o dicionário dá, em qualquer dos casos, a definição de «unidade empregada para aquilatar o aproveitamento do aluno». E define a situação de «dormir no ponto: não agir no momento oportuno». (*Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse — Selecções*)

Periodicamente, cada aluno na escola é submetido a testes. Na vida cristã, Deus está-nos testando e aconselhando na carreira que escolhemos, para o presente e para a eternidade, e fá-lo de duas maneiras: a fé e os princípios.

A fé é provada pelas aflições. (I Pedro 4:12, 13)

No tocante ao exercício dos princípios que abraçamos, Ele exorta-nos: (a) à fidelidade; (b) à vigilância; (c) à firmeza e ao recto comportamento (I Cor. 16:13, 14). Do texto citado sublinho o verso. 14, que diz: «Todas as vossas coisas sejam feitas com amor».

Aqui chego já ao ponto nevrálgico do meu assunto: o amor de Deus e o amor a Deus é magnificado nos 10 Mandamentos e na sua observância: «Se me amardes, guardareis os meus mandamentos» (João 14:15).

Ora, na escola cristã do presente e em vista da vida eterna com Deus, não há alunos mais ou menos adiantados. Tanto os que chegaram há poucas semanas ou meses, como os que já militam na Mensagem do Advento há 50, 60 ou mesmo 80 anos, todos, sem excepção, estamos sendo testados por Deus cada semana, desde o pôr-do-sol de sexta-feira, dia da preparação, até às últimas «badaladas» do astro-rei no dia de Sábado. Que nota de graduação nos irá Deus dar, a vós e a mim?

É conselho do Apóstolo: «Examinai-vos a vós mesmos, se permanecéis na fé; provai-vos a vós mesmos...» Se,

neste assunto vertente, Jesus Cristo está convosco, ou «já estais reprovados» (II Cor. 13:5). «Espero que entenderéis que nós não somos reprovados» (v 6.), afirma o apóstolo.

Solene é nesta hora a nossa posição como Igreja que Deus marcou com distintivos celestes: «Aqui está a paciência dos santos, aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus» (Apoc. 14:12).

Teste de Obediência

Pelas razões citadas, o mandamento do Sábado está provado que é o crucial TESTE de obediência para identificar os que se entregam incondicionalmente a Deus. Não foi, porventura, a rebelião, especialmente a quebra do Sábado, a razão pela qual Deus não permitiu que toda uma geração de israelitas entrasse no Seu repouso? (Ver Ezeq. 20:12, 13, 15, 16.)

A terra de Canaã, prometido «descanso», no qual Israel finalmente entrou (Josué 1:13), é considerada na Bíblia um tipo do *repouso espiritual* do cristão recém-nascido na *família de Deus*, destinado a viver para sempre na Canaã Celestial.

O teste é simples e claro:

«Se desviares o teu pé do Sábado e de fazer a tua vontade no meu santo dia», tens luz verde, podes «chamar ao Sábado deleitoso e santo dia do Senhor», e, se assim fizeres até ao fim da tua carreira terrestre, passaste bem o teste, estás agora habilitado, vê só, a *palmitar* as ruas de ouro da Santa Cidade (Isaías 58:13, 14; 56:5-7).

Os dias da semana são uma peregrinação para o Sábado e cada semana o Senhor nos concede a possibilidade de pôr os *nossos pés* em terreno sagrado, *para ver como nós, Seus filhos, nos comportamos, a fim de poderemos estar um dia na atmosfera do Céu.* (Isaías 66:23)

Das três razões que dá João Calvino referentes à observância do sábado, cito duas que acho pertinentes:

1. «Os fiéis devem descansar das suas próprias obras, a fim de permitir que Deus trabalhe neles.»

2. «O sétimo dia prefigura a perfeição final, à qual nós devemos aspirar». (Jean Calvin *L'Institution Chrétienne*, Livre Second, Labor et Fides, Genève, pp. 153, 154.)

O Senhor quer vir às nossas casas particularmente nesse dia. Como O receberemos?

«O Sábado é um elo de ouro que une a Deus o Seu Povo.» (*Testemunhos Selectos*, Vol. 3, p. 18.)

«Há maior santidade no Sábado do que lhe atribuem muitos que professam observá-lo. O Senhor tem sido grandemente desonrado por parte dos que não têm observado o Sábado conforme o mandamento, quer na letra, quer no espírito. Ele sugere uma reforma da observância do Sábado.» (*Ibid.*, p. 20.)

A serva do Senhor adverte ainda: «Devemos cada Sábado ajustar contas com a nossa alma, a fim de averiguar se a semana finda nos trouxe lucro ou prejuízo espiritual. Santificar o Sábado ao Senhor importa em salvação eterna. Diz Deus: 'Aos que Me honram, honrarei' (I Sam. 2:30).» (*Ibid.*, p. 23.)

A Preparação para o Sábado

Agitamo-nos demasiadas vezes na sexta-feira até ao pôr-do-sol, e mesmo até às primeiras horas do Sábado, para chegar a terminar o nosso trabalho. Assim o sábado chega, não como uma *doce brisa*, mas como um ciclone barulhento e devastador. Começar o Sábado em tais condições significa, geralmente, que o resto deste dia prosseguirá na agitação. É-nos aconselhado a esse respeito: «Antes do pôr-do-sol, todos os membros da família devem reunir-

Pedro Brito Ribeiro

-se para estudar a Palavra de Deus, cantar e orar. A este respeito estamos necessitados de uma reforma, porque muitos há que se estão tornando remissos.» (*Ibidem*, p. 23)

As bênçãos do Sábado

Como Adventistas do Sétimo Dia, temos elevado conhecimento das promessas de Deus acerca da observância do Sábado, e que elas serão cumpridas se formos fiéis e obedientes. (Isaías 58:13, 14.)

«O filósofo judeu no início deste século Achad Ha'Am, disse: 'Mais do que serem os judeus a guardar o Sábado, foi o Sábado quem guardou os judeus.' Seria impossível dizer isto de forma mais clara, e cada Adventista do Sétimo Dia sabe que assim é. Não é um dia como os outros!» (Herman Smit, *Das Raízes ao Porvir*, Publicadora Atlântico S.A., Lisboa, p. 99.)

E, se porventura, alguém hesitasse em reconhecer a permanência da inviolabilidade deste mandamento, sua bênção e santidade, da transição do Judaísmo para o Cristianismo, que me seja permitido citar as iniludíveis conclusões referidas por E. Ferreira, na sua recente obra *Profecias Cronológicas na História da Salvação*, p. 171 (Publicadora Atlântico S.A.): «Os cristãos têm ainda mais razão do que os judeus para guardar o Sábado..., realidade digna de ser ponderada.»

«E porquê?» pergunta o autor.

«Notemos que, segundo o mandamento, o Sábado devia constituir uma homenagem ao Criador de todas as coisas (Êx. 20:11).

«O judeu sabia apenas que a criação foi obra do Senhor, mas o Cristão sabe mais a esse respeito. Sabe que o Agente de toda a criação foi o próprio Verbo de Deus, o Senhor Jesus Cristo....

«Se o Sábado deve levar os pensamentos para o Criador, e se o Criador foi o próprio Cristo, concluímos que o Sábado é um dia eminentemente cristão....

«Sendo assim, se é verdade que os judeus têm razão para guardar o Sábado, mais razão têm ainda os cristãos para guardar esse dia — pois ele constitui uma homenagem a Jesus Cristo como nosso Criador.» (*Ibid.*, pp. 171, 172.)

Os cristãos Adventistas do Sétimo

Dia olham o futuro com confiança, reconhecendo os sinais no tempo (o Sábado é um deles), sinais que afirmam que Deus ainda está no controlo: Sabem que o Senhor Jesus Cristo está a preparar um lugar para os Seus seguidores, no Seu Reino, e exprimem a sua gratidão, como indivíduos e congregações, quando celebram o Sábado, afirmando a sua fé no Deus Criador-Redentor, que em breve enviará o Seu Filho à Terra para proclamar a Nova Era e início de um Mundo Novo.

Antevendo o momento final da sua carreira, iniciada após a sua visão de Cristo no caminho de Damasco, durante a qual havia «combatido o bom combate», na intransigente firmeza aos princípios da fé (II Tim 4:6, 7), o apóstolo Paulo demora-se a exortar Timóteo, como «seu filho» e fiel companheiro na mesma carreira, a «procurar apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, no manejo da Palavra da Verdade — as Sagradas Letras» (II Tim, 2:5).

É uma constante nas epístolas de Paulo, a seu discípulo Timóteo, a advertência de «cuidar de si mesmo e da doutrina, de perseverar nestas coisas; porque fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem» (I Tim. 4:16). Era um teste a que Paulo submetia o seu discípulo, para que o seu resultado, com êxito, «fosse notório a todos, pela palavra e pelo exemplo» (vers. 15).

«*Lembra-te*, escreve o apóstolo, da fé que abraçaste... traz estas coisas à memória; *lembra-te* de Jesus Cristo resuscitado dos mortos» (II Tim. 2:8), que é o âmago da doutrina.

Jesus, a Fiel Testemunha, dirige-Se às sete igrejas do Apocalipse, ora elogiando, ora censurando. Àquela que corresponde ao primeiro século do Cristianismo, Éfeso, adverte: «*Lembra-te* donde caíste, e arrepende-te e pratica as primeiras obras» (Apoc. 2:5). Compungente era a causa de tal injunção: «Deixaste o teu primeiro amor» (vers. 4).

A Laodiceia, a última das sete, por inferência à qual me dirijo por ser a da última geração da história humana, lembro o que Jesus «escreve: Isto diz o Ámen, a Testemunha Fiel e Verdadeira, O PRINCÍPIO DA

CRIAÇÃO DE DEUS... EU repreendo e castigo a todos quantos amo: sê pois zeloso e arrepende-te» (Apoc. 3:14, 19).

E lá, no «*princípio da Criação de Deus*», no majestoso Pórtico desse monumento erigido pelo Criador, em comemoração eterna da Sua obra que completara, gravou Ele um poema:

«Assim os Céus e a Terra foram acabados,
E havendo Deus acabado no dia sétimo a Sua obra que tinha feito,
descansou no sétimo dia de toda a Sua obra que tinha feito.

E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou,
porque nele descansou de toda a Sua obra que Deus criara e fizera.» (Gén. 2:1-3)

Em duas palavras se resume o poema:

«*No princípio... Deus*»

«Aqui somente poderá o espírito, em suas ávidas interrogações, encontrar *repouso*, voando como a pomba para a arca. Acima, abaixo, além — habita o Amor infinito, operando em todas as coisas para cumprirem 'todo o desejo da Sua bondade' (II Tess. 1:11).» (E. G. White, *Educação*, C.P.B., p. 134.)

E como providenciou Deus, no Seu amor infinito, o meio para que o «desejo da Sua bondade» fosse experimentado por Seus anelantes filhos? Esse meio escreveu-o Deus em duas tábuas de pedra, incentivando-o numa só palavra: «LEMBRA-TE...» (Êx. 20:8). E todo o que nisso persevera estará passando bem o teste, e tal como a pomba, voará também para a arca, onde encontrará o repouso do corpo, da alma e do espírito!

«LEMBRA-TE do dia do Sábado para o santificar». E a todos os que O adoraram neste estado de alma, «levará Deus ao Seu santo monte e os festejará na Sua Casa». (Is. 56:7).

O pastor Pedro Brito Ribeiro, actualmente aposentado, vive em Loures, perto de Lisboa.

Porque é que tantos jovens deixam a Igreja?

Fazer uma tal pergunta quando os progressos da Igreja são tão espectaculares exige uma grande dose de coragem. E foi esta coragem que os membros do Conselho da Divisão Euro-africana demonstraram por ocasião da sua reunião no Hospital Waldfriede em Berlim, em meados do ano passado, ao escolherem como tema de reflexão: a Juventude! A questão crucial era: «Porque é que tantos jovens nos deixam?» «Tanto» significa aproximadamente 60 a 70%, e isto é apenas uma estimativa.

Que fazer para estancar esta hemorragia?

Para estimular o debate, a Divisão Euro-Africana dispunha de um documento redigido pela Comissão da Juventude que se tinha reunido no princípio de 1992. Este documento contém uma análise do perfil dos nossos jovens e nove importantes recomendações. Elas foram lidas e estudadas pelas Uniões, e depois votadas no conselho anual de 1992.

Foi um grande passo em frente. Mas era preciso ir ainda mais longe e tomar decisões. Para isso, quatro apresentações orais e uma reunião de oração contribuíram para uma verdadeira tomada de consciência da realidade.

O jovem adventista faz parte da sociedade

Günther Machel, director JA da União da Alemanha do Sul, e Hans Gerhardt, director da nossa escola de Darmstadt, sublinharam a influência que a sociedade contemporânea exerce sobre os nossos filhos: «Uma sociedade pós-cristã, que deixou de ter valores mobilizadores a propor, já não faz perguntas sobre Deus e espera bem pouco da religião e das Igrejas. Vivendo em tal ambiente, o jovem adventista vê a sua igreja como um lugar de “consumo frio”, onde não tomam em consideração as suas necessidades... Uma administração que não se empenha em resolver os grandes problemas actuais e que não oferece projectos específicos.»

Palavras exageradas? Certamente que sim. Mas é desta maneira que um bom número de rapazes e meninas nos vêem. A igreja, pensam eles, é um lugar onde «se dá mais valor ao comportamento e às vestes do que à qualidade da relação». Para esses jovens, a questão não é: «Porque deixar a Igreja?» mas sim, como disse Hans Gerhardt: «Porque deveríamos nós mantermo-nos na Igreja?»

Nós precisamos da nossa juventude. Não tenhamos receio de lho dizer. Não es-

peremos até ser demasiado tarde para darmos aos jovens toda a nossa atenção. O nosso interesse por eles deveria manifestar-se desde a sua mais tenra idade. É preciso oferecer-lhes compromissos apaixonantes, mas a breve termo devemos confiar-lhes maiores responsabilidades. Paremos de julgar os nossos jovens como se eles devessem ser perfeitos. Como declarou convictamente o orador: «Nós não temos o direito de julgar os jovens de acordo com os critérios de um adulto convertido.»

A juventude: uma força de evangelização

«O engajamento dos nossos jovens na evangelização» foi o tema apresentado por Gerd Eiteneier, director JA da União da Alemanha do Norte. Tema de grande actualidade, uma vez que constatamos em todos os países um verdadeiro despertar evangelístico da juventude. Na Roménia, 75% dos Seminários sobre o Apocalipse são dirigidos por jovens com menos de trinta anos. E o mesmo acontece com a participação nos Seminários Maranata. Os jovens não somente formam a guarda avançada da evangelização, mas são também a sua força viva. E isso é muito encorajador. Podemos vê-los

nas ruas da Alemanha, da França, de Portugal... Alguns expõem a estátua de Daniel 2 e deixam aos que passam a escolha das perguntas; outros cantam em praças públicas e em acampamentos de veraneio. Centenas de pessoas, surpreendidas, ouvem-nos cantar ou falar. Eles não têm medo. Estão no meio do povo e dão testemunho.

Por ocasião destas exposições, foi apresentado um vídeo do grupo Aliança e a evangelização nas ruas de Saint Gall, na Suíça.

1993 é o ano do evangelismo jovem. Há experiências extraordinárias a ser vividas. Os alvos para a nossa Divisão são: 9.600 projectos e 12.500 baptismos.

Será necessário organizar a nossa juventude?

Sim, respondeu Paolo Benini, presidente da União Italiana. Afirmção apoiada por um estudo sobre as igrejas da Sicília. Antes da organização do nosso movimento JA, 8% dos jovens (menos de 30 anos) eram membros dos conselhos de igreja e 10% de outras comissões. Depois de 1991, estas percentagens passaram para 10% e 41%. Um movimento JA bem organizado é um benefício para toda a Igreja. Contribui para a formação de futuros dirigentes, dinâmicos e entusiastas.

John Graz

Compromisso dos Responsáveis

Os presidentes e administradores presentes comprometeram-me a fazer todo o possível para que os nossos jovens se sintam felizes por viverem na Igreja e dediquem a sua vida a Cristo. Objectivo: a salvação de milhares de filhos nossos.

Edwin Ludesher, o presidente da Divisão, exortou os membros do conselho a tomarem medidas concretas para que toda a Igreja responda a este desafio. Segundo as suas palavras, «há duas prioridades na nossa actual situação: a evangelização e a juventude».

Ulrich Frikart, Secretário da Divisão, fez notar que Berlim é o ponto de partida de um processo que deve ter como resultado uma verdadeira integração dos nossos jovens na Igreja. Oremos para que este movimento, agora em marcha, se inscreva no contexto de um grande reavivamento espiritual.

Um encontro histórico

Berlim é uma cidade muito bela, cheia de história e de cultura. Cosmopolita e envolvente. Quem a visita é tentado a deixar lá a «sua mala» para ter de voltar. Os participantes desse histórico conselho foram recebidos no Reichstag e na câmara de Zehendorf. O hospital Waldfriede foi o local onde tiveram lugar as reuniões de trabalho. É uma instituição com excelente reputação e conta cerca de 300 camas. Todo o adventista pode orgulhar-se deste estabelecimento de saúde.

Em Berlim houve também tempo para tomar conhecimento dos extraordinários progressos da Igreja, sobretudo nos países do Leste. Mas o importante é que este encontro represen-

tará um grande passo em frente na resposta ao desafio que constituem os 200.000 jovens e crianças da nossa Divisão. O objectivo é que cada comunidade local tenha o seu clube de Desbravadores e que 80% dos jovens sejam membros do nosso movimento JA. Desafio que sem a colabo-

ração de todos e o poder do Espírito Santo ficará além das nossas possibilidades. «Porque não é considerado o trabalho em favor da juventude da nossa igreja como a obra missionária por excelência?» escrevia Ellen White, acrescentando estas pertinentes observações: «A juventude merece mais do

que uma atenção passageira, mais do que uma palavra de encorajamento dita ocasionalmente. Ela necessita que trabalhem por ela, que orem por ela e que dela se ocupem com cuidado.» *Gospel Ministry*, pp. 207, 208.

John Graz é o director JA da Divisão Euro-africana.

A JUVENTUDE vista por Edwin Ludescher

1993 é o ano do Evangelismo Jovem O que é que isso vai mudar?

Entrevista de John Graz

John Graz: Em Junho de 1992, por ocasião do Conselho da Divisão, o tema de reflexão foi «A Juventude». E este é o ano do Evangelismo Jovem. Para si, como presidente da Divisão, qual é o lugar da juventude?

Edwin Ludescher: O mais importante. Para mim, a juventude é a força, a vitalidade, o dinamismo. É também o nosso futuro. Estou convencido de que os jovens desempenharão um papel determinante no cumprimento da nossa missão. E depois, os jovens são os nossos filhos.

— Estará a Igreja preparada para responder ao desafio que representa a integração plena dos jovens e às suas expectativas?

— Espero que sim, e de todo o meu coração! Mas é necessário sensibilizar os responsáveis pelas instituições, os pastores, os pais e todos os membros. Os jovens precisam da atenção e cuidado de todos eles. Estou persuadido de que só assim prepararemos melhor o futuro. É por essa razão que se tomou a decisão de dar mais atenção aos jovens, de ouvir o

que nos têm a dizer e a seguir tomar as medidas necessárias para dar resposta às suas expectativas.

— Que se deverá fazer, em primeiro lugar, para que os nossos jovens se sintam contentes por serem adventistas?

— Os jovens têm de encontrar o seu lugar na igreja, têm de sentir-se amados e aceites por todos. Temos que demonstrar-lhes que confiamos neles e dar-lhes responsabilidades a nível local e na organização em geral, a fim de que se identifiquem com o Movimento Adventista. No que respeita aos nossos filhos, o ensino religioso é fundamental. As condições da vida moderna arrastam consigo um deficit religioso no seio das famílias. A Escola Sabatina e as actividades dos jovens não podem colmatá-lo. É preciso que cada igreja local se organize tendo em conta este facto. Não esperemos até que os nossos filhos tenham 16 anos para lhes oferecermos tal ensino. Então será demasiado tarde.

— Que diria, ó irmão a todos os que, pastores ou professores, voluntariamente

consagram parte do seu tempo aos jovens?

— Dir-lhes-ia: Muito e muito obrigado! Essas pessoas fazem um óptimo trabalho e gostaria de animá-las a continuar. Queira Deus que sejam cada vez mais numerosas e que o círculo dos voluntários se amplie cada vez mais.

— E aos jovens, que gostaria de lhes dizer?

— Que se lancem na aventura da fé, sem complexos. Que onde quer que forem, partilhem com os seus amigos e colegas a esperança que possuem. Que Cristo seja o seu Modelo, a sua «Estrela». Porque as estrelas deste mundo vão transformar-se em trevas, mas Jesus Cristo brilhará através da eternidade.

Gostaria de animar os jovens a se identificarem com a Igreja, que é o seu corpo. Eles não devem limitar-se a perguntar o que é que a Igreja pode fazer por eles, mas devem interrogar-se também sobre o que podem fazer para cumprir a sua missão. Que eles se empenhem e alistem ao lado de Jesus Cristo, e nunca se arrependam. Vale realmente a pena viver com Deus.

Um Evangelho Equilibrado

Numa entrevista concedida à *Revista Adventista* [do Brasil] (Março/92), o pastor Enoch de Oliveira (entretando falecido) teve ocasião de expressar-se sobre a necessidade de uma apresentação mais equilibrada do evangelho. Em resposta àqueles que pensam que a doutrina da justificação pela fé constitui o todo do evangelho, o entrevistado deixou bem patente que «não há verdadeira justificação sem uma complementação através de uma vida de santificação». Não basta ter sido libertado da culpa do pecado mediante a justificação. É preciso, afirmou o pastor Enoch, proclamar de igual modo «a santificação através da qual Cristo nos livra do poder do pecado».

Desde os seus primórdios, a Igreja Cristã teve de enfrentar e rejeitar os dois extremos doutrinários: de um lado, o legalismo daqueles que pensavam poder salvar-se pelas obras da lei; e do outro, o antinomianismo daqueles que imaginam que uma vez perdoados estavam desobrigados da obediência aos mandamentos de Deus. Um estudo cuidadoso do Novo Testamento revela que nenhum desses extremos corresponde ao ensino apostólico. Paulo, que mais do que nenhum outro escritor usou o conceito da justificação pela fé, diz: «Anulamos, pois, a lei

pela fé?» E responde de modo categórico: «Não, de maneira nenhuma, antes confirmamos a lei» (Rom. 3:31).

É conveniente lembrar que o conceito de justificação pela fé é apenas um dos vários modos de explicar a salvação que o crente em Cristo experimenta. A salvação é uma experiência tão maravilhosa que desafia uma explicação única. Com efeito, o apóstolo Paulo acha-se quase só, no Novo Testamento, ao tentar explicar a salvação em Cristo em termos de justificação. É o seu modo preferido, mas não o único. Notem como ele emprega três verbos para descrever a experiência dos crentes em Corinto: «Mas vós fostes lavados, mas fostes santificados, mas fostes justificados, em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus» (I Cor. 6:11).

O que é salvação

A maneira de definir a salvação depende do modo como se encara o pecado. Em bom número de textos o pecado é considerado como uma impureza, ou imundície, que contamina a alma. Neste caso a salvação é descrita em termos do pecador ser lavado ou purificado. O apóstolo Pedro fala da purificação da alma pela obediência à verdade (I Pedro 1:22). João, o discípulo amado, escreve que «o

sangue de Jesus, Seu Filho, nos purifica de todo o pecado» (I João 1:7). O livro do Apocalipse fala daqueles que «lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro» (Apoc. 7:14). Sob esta óptica, a salvação é descrita como purificação da mancha do pecado.

Em outros textos, a condição do pecador é comparada a uma escravatura. Assim vista, a salvação é expressa em termos de redenção. «Cristo nos resgatou da maldição da lei», escreve Paulo (Gál. 3:13). À mesma categoria pertence a declaração: «no qual [em Cristo] temos a redenção, pelo Seu sangue, a remissão dos pecados» (Efés. 1:17). O livro do Apocalipse, que tem muitas afinidades com os escritos de Paulo, descreve assim a obra redentora de Cristo. «Porque foste morto e com o Teu sangue compraste para Deus» gente de todas as nações (Apoc. 5:9). Jesus mesmo descreveu Sua missão: «Pois o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate de muitos» (Mar. 10:45). Cristo é nosso Redentor porque Ele, ao preço do Seu sangue, nos resgatou da servidão do pecado.

Outros textos bíblicos descrevem o pecado em termos de o homem incorrer em culpa pela transgressão da lei divina. Neste sentido, somos todos culpados, e, a

menos que Deus nos conceda perdão, estamos sujeitos à penalidade do pecado, que é a morte eterna. A julgar pelo número de versículos que falam de perdão ou de perdoar, este parece ser o modo mais simples de explicar a salvação. É o modo preferido nos evangelhos (Mat. 9:2, 5 e 6; 12:31 e 32; Mar. 2:5 e 9; 3:25; 4:12; Lucas 5:20 e 22; 6:37; 7:47 e 48; 12:10, etc.) O apóstolo João expressa a mesma verdade de um modo particularmente cativante. «Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça» (I João 1:9). No sermão de Pedro, no dia de Pentecostes, figura a mensagem de remissão ou perdão dos pecados (Actos 2:38). Quantas consciências atormentadas não foram aliviadas com essa mensagem de perdão em Cristo!

Reconciliação

Outro modo como a Bíblia encara o pecado é em termos de rebelião ou inimizade. Pecador é aquele que rompe sua relação amistosa com Deus. Sob esta luz, o pecado aparece como uma quebra de relações. Assim visto, aquilo de que o pecador mais necessita é de reconciliação. Para um grande número de pessoas o conceito de reconciliação parece o mais significativo.

Quem não aprecia o texto de Romanos 5:10: «Porque se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela Sua vida»? Ou este outro: «Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões» (II Cor. 5:19). Digno de nossa gratidão eterna é o facto de que tanto na experiência de reconciliação como na de perdão, Deus toma a iniciativa, pois Ele nos amou com amor eterno. Esta iniciativa divina, Jesus fez questão de sublinhar na parábola do filho pródigo (Lucas 15).

Em alguns textos, particularmente no Velho Testamento, o pecado é comparado a uma enfermidade. «Toda a cabeça está doente e todo o coração enfermo» (Isa. 1:5). Esse é o quadro que o profeta pinta da condição espiritual de Israel. O apóstolo Pedro cita um verso de Isaias 53, ao escrever: «Por Suas chagas fostes sarados» (I Pedro 2:24). Cristo é o grande Médico que pode curar tanto nossas enfermidades físicas como espirituais.

O breve estudo acima não esgota as diferentes metáforas usadas pelos escritores bíblicos para descrever a experiência da salvação, mas ilustra a verdade de que nenhuma é suficiente por si só para explicar esta experiência sublime. Basta lembrar que, na entrevista com Nicodemos, Jesus fala da salvação em termos de um novo nascimento (João 3.3-7). É o começo de uma nova vida. O apóstolo Paulo, embora faça do conceito da justificação pela fé a sua explicação predilecta, não deixa de usar outras para uma compreen-

são mais clara do que seja a salvação. Assim encontramos em seus escritos termos como redenção, reconciliação, purificação, perdão. Se tomarmos o Novo Testamento como nosso modelo, não vamos tampouco usar uma única explicação. E visto que as Escrituras usam um leque de metáforas, é nosso privilégio fazer o mesmo. Paulo provavelmente tinha a mentalidade de um jurista. Para ele, a salvação é um processo judicial, que se passa num tribunal diante de um juiz, que justifica ou deixa de justificar o réu. É uma maneira impressionante de conceber a obra de Cristo a nosso favor, mas não é a única, como vimos acima.

tura; as coisas antigas já passaram» (II Cor. 5:17). Essa nova criatura em Cristo passa a viver «em novidade de vida» (Rom. 6:4). Longe de voltar ao lodaçal do pecado, do qual foi tirada, a nova criatura em Cristo consagra sua vida à glória de Deus. Não mais oferece os membros do seu corpo ao pecado como «instrumentos de iniquidade», mas os apresenta a Deus como «instrumentos de justiça» (Rom. 6:10).

Isso significa que o cristão, nascido de novo, enceta a vereda da santificação. No exórdio da carta aos Romanos, o apóstolo usa duas expressões que bem definem o carácter dessa nova vida. Em Romanos 1:6 ele afir-

de de Deus, a vossa santificação» (4:3). João, o discípulo amado, propõe o mesmo ideal: «Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis» (I João 2:1).

Santificação

Erram, pois, aqueles que enaltecem de tal modo a doutrina da justificação que não deixam lugar para a doutrina complementar da santificação. O outro erro é o de sugerir que o pecador, uma vez justificado, nada mais tem a fazer a não ser protestar lealdade a Cristo. Se alguém ama a Cristo, aventam outros, a vitória sobre as múltiplas tentações segue-se automaticamente, sem o concurso da sua vontade. Se tal ensino fosse correcto, então muitas páginas do Novo Testamento não precisariam ter sido escritas, pois nelas muito espaço é consagrado a exortações a viver uma vida cristã coerente. Basta reler as várias cartas para verificar que uma boa parte delas são apelos, a indivíduos e a congregações, a pôr em prática os ensinamentos recebidos.

João Baptista exortava as multidões que vinham ouvi-lo a abandonar o pecado (Lucas 3:7-18). A pregação de Pedro, no dia de Pentecostes, era um testemunho e uma exortação (Actos 2:40). As cartas de Paulo, como regra, contêm doutrina na primeira parte, e na segunda, exortações a viver uma vida santa e coerente com sua profissão de fé em Cristo (I Tess. 4:1; 5:14; II Tess. 3:12; II Tim. 4:2, etc.). A bela epístola aos Hebreus é chamada uma «palavra de exortação» (13:22). E de facto, a partir do capítulo 2 a parte dou-

O pecado aparece como uma quebra de relações

Evangelho equilibrado

O erro de alguns pregadores não é apenas de apresentar a seus ouvintes a doutrina da justificação pela fé como a explicação única da obra realizada por Cristo, mas de passar por alto o facto de que, depois de justificar o pecador, Cristo lhe diz: «Vai, e não peques mais» (João 8:11). A justificação, importante como ela é, ainda assim é apenas a porta de admissão a uma nova vida em Cristo. Como disse o anjo, Cristo veio salvar o homem não só da penalidade do pecado, mas também do poder e escravidão do pecado. «Se alguém está em Cristo, é nova cria-

ma que os crentes foram chamados para serem de Jesus Cristo. No verso 7 ele torna mais explícito o seu pensamento: eles foram chamados para serem santos. Ser de Jesus Cristo significa seguir os Seus passos no caminho da santificação. O ensino de Pedro não é diferente: «Segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento» (I Pedro 1:15). Os autores bíblicos não se contradizem. Não só em Romanos, mas já na primeira de todas as suas cartas, a primeira epístola aos tessalonicenses, Paulo exara o mesmo conselho: «Pois esta é a vanta-

trinária está entremeada de exortações. Entre elas destaca-se a seguinte: «Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor» (12:14).

Toda a exortação pressupõe que o ouvinte poderá, se quiser, aliar a sua vontade à vontade de Deus em sua luta contra o pecado. Se o ser humano fosse totalmente incapaz de responder ao apelo divino, então toda a exortação seria inútil. Que tal não é o caso, é evidente quando Paulo escreve: «Operai a vossa salvação com temor e tremor» (Filip. 2:12). Compenetrado da sua dependência do auxílio divino, após cada vitória sobre o pecado o cristão dirá com o apóstolo Paulo: «Não eu, mas a graça de Deus comigo» (I Cor. 15:10). Salta aos olhos, porém, que a graça de Deus não exclui a cooperação humana; de outro modo o apóstolo não poderia dizer no mesmo verso: «trabalhei muito mais do que todos».

Dom divino

Cheios de reconhecimento, afirmamos que a salvação é um dom da graça divina. Pela graça Deus nos oferece a salvação, e pela fé nós a recebemos (Efés. 2:8). A graça de Deus é inoperante sem a cooperação do ser humano pelo exercício da fé. Não, não somos salvos pelas obras. Mas as obras constituem evidência de que fomos salvos, e sua ausência constitui prova clamorosa do contrário. Tudo se torna claro se não pararmos a leitura no versículo 8, ou mesmo no versículo 9, mas continuarmos até ao versí-

culo 10, onde Paulo completa seu pensamento: «Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.» Não somos salvos pelas boas obras que venhamos a praticar, mas as boas obras constituem uma demonstração de que a obra redentora de Cristo em nossa vida não foi em vão.

Qualquer descrição da vida cristã que ignora a importância da santificação, é uma descrição truncada e enganosa. Aquilo de que a Igreja precisa é de uma pregação equilibrada, que de um lado enaltece que somos salvos pela graça, sem as obras da lei, e de outro encarece a verdade de que as pessoas justificadas, nascidas de novo, são criadas «em Cristo Jesus para boas obras».

Ninguém deslizará para dentro dos portais celestes de braços cruzados. Em tom claro e inequívoco, vêm as palavras do Salvador: «Esforçai-vos por entrar pela porta estreita» (Lucas 13:24). Na melhor das hipóteses, a vida cristã envolve renúncia e disciplina própria. «Se alguém quer vir após Mim», disse Jesus, «a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-Me» (Mat. 16:24). Empenhai todo o vosso ser em obter a salvação, reconhecendo porém, de começo a fim, que é Deus «quem efectua em vós tanto o querer como o realizar» (Filip. 2:13). E a Ele seja dada toda a glória.

S. J. Schwantes é professor de Teologia no Instituto Adventista de Ensino, São Paulo.



A Viagem de Lúcia

Lúcia nunca tinha saído da sua cidade. As maiores viagens que fizera fora à praia ou a visitar familiares que moravam nos arredores. Por isso, quando os pais lhe disseram que iam fazer uma viagem e morar noutro país, Lúcia ficou muito surpreendida e sem saber o que dizer. Por fim perguntou:

— Mas para onde vamos? Quanto tempo lá ficamos?

— Bom, Lucinha, não sabemos. O pai recebeu uma carta de chamada e vai trabalhar na América. É lá que vamos morar.

— E esta casa? As nossas coisas?

— Vamos ter de deixá-las... Só levamos o indispensável!

— Não posso levar os meus brinquedos, os meus livros... Tenho de deixar tudo isso?

— Podes levar alguns, tranquilizou-a a mãe. Levas os que mais gostares, os que te foram oferecidos por amigos...

— E os meus amigos? A minha escola, os meus colegas, a minha Escola Sabatina?

— De facto, não podes levar os amigos. Mas quanto à escola, na América vais continuar a ir à escola e vais ter novos colegas e tudo o que aqui tens. Vais arranjar novos livros, novos brinquedos, novos amigos!

— Ó mamã, interrompeu Lúcia, a Escola Sabatina é igual na América? Estudam as mesmas lições e cantam os mesmos hinos?

— Claro, filhinha. Só a língua varia. Lá falam inglês, mas quando souberes a língua — e as crianças aprendem muito depressa —, nem dás pela diferença. E tem mais: Nós, os crentes adventistas, somos uma grande família e a nossa igreja é mundial. Todos estamos a preparar-nos para a vinda de Jesus, que é como uma grande viagem...

— É verdade, interrompeu de novo Lúcia. E também não podemos levar a nossa casa, as nossas coisas... Podemos, sim, levar os nossos amigos.

— Se todos formos fiéis, encontrá-los-emos no Lar Celestial. E quanto às coisas, Deus tem-nos reservado o melhor. Só que não sabemos...

— Mas eu sei, disse Lúcia. «As coisas que os olhos não viram e os ouvidos não escutaram, e nunca ninguém imaginou, essas o Senhor reservou para os que O amam!»

E dizendo isto, Lúcia ficou mais animada em relação à sua viagem.

M. R. Baptista

Campanha de Evangelização em Moura

A esta cidade alentejana, em esperança de desenvolvimento, também chegou a mensagem da «bem-aventurança». O pastor Luis Rosa e irmãos de Moura têm sido apoiados pela Ir.^a Mimi Gullón, vinda da Divisão Sul-Americana.

Uma média de 25 pessoas tem assistido regularmente ao seminário sobre o Apocalipse, dirigido pela Mimi. A amizade nas relações humanas e o interesse na Palavra têm aumentado. A fim de estreitar e suscitar novas amizades, o Pr. Luis Rosa e a Mimi têm visitado inúmeras pessoas, incluindo os vários dirigentes religiosos de Moura, e, entre eles, o cordial Monsenhor Correia, sacerdote católico. No âmbito do espírito de fraternidade

cristã, a Mimi e o Pr. Rosa foram convidados para dirigir algumas palavras ao fiéis reunidos após a homilia das 11 horas num domingo. De igual modo, a estação de rádio local tem dado bom e valioso apoio a este acontecimento espiritual que é a campanha de evangelização em Moura.

O esforço de evangelização prosseguiu durante o mês de Janeiro. Ainda é cedo para se conhecerem resultados; no entanto, já foram sentidas bênçãos. Continuemos a rogar a direcção e intervenção do Espírito Divino para o êxito da causa e honra do Senhor Jesus, com vidas salvas para a eternidade.

Ezequiel Quintino
Evangelismo

Igreja de Coimbra Comemora os 25 Anos da Fundação do Seu Templo

A congregação de Coimbra comemorou no dia 19 de Setembro de 1992 os «25 Anos da Fundação do seu Templo». Foi um dia de louvor e acção de graças, que reuniu os irmãos da igreja local e muitos outros que

se associaram a esta celebração festiva e de reconsagração.

Segundo o *Boletim Informativo* da Igreja de Coimbra (Setembro de 1992), o lançamento da primeira pedra deste templo teve lugar no dia 8 de Setembro

de 1967, e a sua construção deveu-se, em grande medida, aos esforços e persistência do Pastor Eliseu Miranda, entretanto falecido. E relata: «Era o verão do ano de 64. A igreja, durante o pastorado anterior tinha crescido e rejuvenescido. O novo pastor trazia no seu currículo pastoral a construção dos templos de S. Tomé e Canelas. VEIO (para a antiga sala de Coimbra), VIU (a sua pequenez e precaridade), e VENCEU uma a uma as barreiras que impediam a edificação de um Templo ao Senhor.» Assim, este dia foi também um dia de homenagem a este pastor, na pessoa dos seus familiares e, particularmente, de sua esposa, irmã Dulce Miranda, mas também a muitos outros irmãos que ajudaram esta congregação a crescer e a fortificar-se ao longo dos anos. Foram também recordados os filhos da igreja que, perto e longe, cumpriram a ordem de Jesus, de levar o Evangelho do Reino.

A Escola Sabatina recordou também os longínquos anos 60 e o culto esteve a cargo do presidente da União, Pastor Joaquim Dias. De tarde teve lugar o programa especial de comemoração e reconsagração, tendo este mesmo irmão proferido

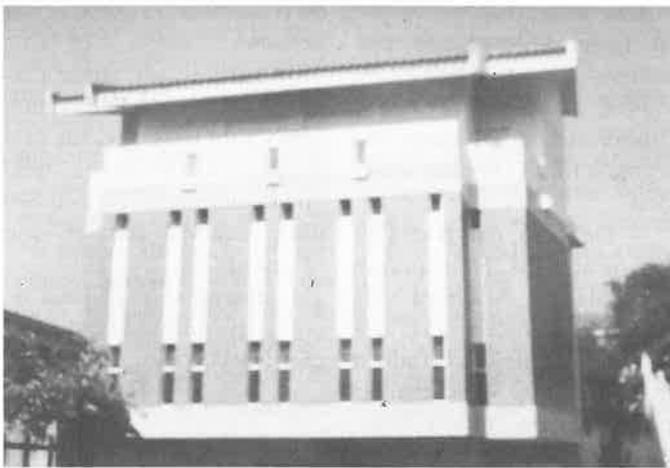
a oração de acção de graças e dedicação deste Templo ao Senhor. Vários irmãos recordaram os tempos da construção e as bênçãos de que esta congregação tem sido alvo. Mas também se falou do futuro, sendo a mensagem do Pr. Dias intitulada: «A missão da Igreja».

Menção especial para a música que sob diversas formas abrilhantou as reuniões, contribuindo para a elevação espiritual dos presentes. O programa, aliás, terminou com um concerto coral apresentado pelo grupo «Libertador», da igreja de Espinho, seguido de alguns momentos de fraterno convívio.

Este dia serviu também para despedida do Pr. Daniel Simões Silva, responsável pastoral durante os últimos cinco anos. No sábado antes fora apresentado à igreja o novo pastor de Coimbra, Pr. Manuel Nobre Cordeiro.

Congratulando-nos com este aniversário, desejamos que o Templo Adventista de Coimbra, agora bem remodelado e reconsagrado ao Senhor, possa continuar a ser «casa de oração» e de pregação da Palavra do Senhor, para que muitas almas possam ser agregadas a esta Igreja.

M. R. Baptista



Sotavento Algarvio

No fim-de-semana dos Fina-dos (Novembro de 1992), as igrejas do Sotavento Algarvio levaram a efeito exposições públicas sobre o tema «Vida Para Além da Morte».

Nos cemitérios, nos lugares públicos e nas casas foram distribuídos mais de oito mil folhetos com o título «Para além da Morte», que continham um convite para as conferências bíblicas.

Dos folhetos distribuídos nas cidades de Faro, Tavira e Vila Real de Santo António, assistiu um total de dez pessoas, às quais foram ofertados 20 livros. Mas mais gratificante ainda foi a grande participação dos jovens adventistas do Sotavento Algarvio nesta acção missionária.

Eunice Caetano

Viana do Castelo 5.º Aniversário dos TDC

Os clubes dos TDC em V. Castelo festejaram o seu 5.º aniversário com três investidas de Desbravadores. O Paulo, a Rosa e a Isabel são jovens não Adventistas do Bairro do Malhão (Areosa) que estão participando nas actividades da Igreja Adventista de V. Castelo.

Neste programa, cheio de vida espiritual, com a presença dos irmãos, jovens e visitas das igrejas de Arco de Valdevez, Matosinhos, Porto, Braga e Vila do Conde, houve espaço para recordar o passado e vislumburar o futuro. O irmão José M. Gercês (Porto) teve a seu cargo a Escola Sabatina, e o culto especial «As Pedras clamarão» foi maravilhosamente apresentado pelos irmãos de Vila do Conde.

Após o almoço no monte ex-libris da capital do Alto-Minho o Ir. Dr. Maurício Góis foi convidado de honra dos 5 anos dos TDC com uma mini-palestra para dizer aos jovens que, *Já É Tempo...* Maurício Góis falou de Espiritismo, o perigo das telenovelas, a influência da publicidade, os jovens e a música, como enfrentar desafios, a breve volta de Jesus...

Deixo-vos com as palavras que ecoaram na nossa mente e no coração...

«São 5 anos de trabalho humilde, tão necessário como a pequena semente que se esconde na terra para germinar, lançar raízes, crescer, florir e frutificar...»

Maranata!



Adventistas de Viana do Castelo Promovem Passeio Micológico

A Juventude Adventista de Viana do Castelo, com o apoio do programa de rádio «Nascente de Esperança» e da Associação Juvenil Bracarense «Aventura da Saúde», aceite recentemente, por unanimidade, como membro da Federação Galega de Micologia na Capital

do Minho, realizou no passado dia 5 de Outubro o primeiro Passeio Micológico no Alto-Minho.

Muitos jovens adventistas e visitas da zona Norte/Delães, V. N. Gaia, Matosinhos, Porto e Braga, tiveram palavras de agradecimento ao monitor Ir.

José Duarte (Braga) que, uma vez mais, mostrou ser um bom especialista nesta área tão importante.

A Micologia é um ramo da Botânica que estuda os cogumelos e que agora começa a despertar interesse no estudo global da floresta, relacionado com questões ambientais, e dando o seu contributo para uma reflexão mais completa de causa-efeito, no que concerne às relações vida-ar-árvore-cogumelos e re-

ciclagem da matéria orgânica que os fungos degradam para enriquecer o solo que alimenta a floresta, floresta que purifica o ar que nós homens poluímos... além da sua utilidade alimentar e medicinal...

Em 5 de Outubro houve convívio, um saboroso «menu» de várias espécies de cogumelos, em grande confraternização cristã.

Álvaro Bastos
Colportor-evangelista



Rally Paper em Delães (V. N. Famalicão) Para Intercâmbio entre Igrejas

Realizou-se no passado dia 4 de Outubro (Domingo) em Delães (V. N. Famalicão) o Rally Paper da Amizade JA, promovido pelo «Nascente de Esperança».

Durante as provas exigidas, teste cultural, missionário e na

confraternização JA, tudo decorreu com grande entusiasmo.

Num Rally aonde não havia espaço para vencedores ou vencidos, triunfou a amizade cristã entre os jovens das igrejas de Delães e Viana do Castelo.

A Dimensão Social do Natal em Peniche

No ano transacto, e para marcar condignamente a quadra, a preocupação local foi na direcção da terceira idade. Talvez pa-

ra variar, este ano inclinámos os nossos olhares para os mais pequeninos.

Há quase como um sentimen-

to de impotência perante alguns aspectos sociais, altamente preocupantes, que se vão desenvolvendo sob os nossos olhares cúmplices, mas o sentimento da quadra que atravessámos impulsionou a igreja de Peniche a fazer a sua parte.

Foi um trabalho de tomo, semanas antes iniciado num porta-a-porta, ou, melhor dizendo, estabelecimento-a-estabelecimento, por esse membro dinâmico que dá pelo nome de Maria do Rosário Nascimento, anciã da igreja de Peniche, procurando sensibilizar alguns dos comerciantes locais para o leque crescente de crianças mais desfavorecidas. A resposta foi positiva!!!

Semanas de labor intenso para tudo preparar, num esforço e dedicação simplesmente dignos de realce, levaram a comunidade local a convidar, neste frio e chuvoso 19 de Dezembro, cerca de três dezenas de crianças, proporcionando-

-lhes um alegre convívio-almoço, roupas, e... brinquedos (claro!).

Pelo fim da tarde, e com uma enorme enchente de visitas, a tradicional festa de Natal encheu particularmente a nossa pequenada. Desde a expressão plástica, poesia, canto, fantoches, e toda uma ambiência bem familiar, tudo foi pretexto para que, no final, um requintado lanche pudesse ser amplamente participado.

Um sentimento de satisfação ficou em todos nós, ao vermos compensada a entrega fervorosa da comunidade adventista local. Importa vincar sempre uma mensagem cristã, e esta ficou no coração e no rosto de todos, de quem nos despedimos com um forte abraço fraterno.

Em Peniche procura-se evangelizar. Foi o que fizemos.

Manuel Garrido

Pastor das igrejas de Caldas da Rainha e Peniche

tada para o Luso, actual Luena, capital do Moxico, onde vem a falecer, deixando o menino Samuel com apenas 11 meses de idade! Foi o primeiro grande golpe na vida de missionário do pastor Candeias.

Viúvo, e com uma criança tão pequenina, o pastor Candeias é colocado, como professor, na missão do Bongo, onde conhece a irmã Alina, com quem vem a contrair matrimónio em 1947. O seu novo campo de trabalho é, agora, o Cuale, no norte de Angola, onde permanece durante 10 anos. Entretanto, isto é, em 1948, o pastor Candeias vem a Portugal de férias, altura em que tive o privilégio de o conhecer, no decorrer do Congresso Adventista de Jovens realizado no nosso país, na cidade de Portalegre.

Pelo sermão que então proferiu, não me foi difícil descobrir que, por detrás daquele rosto, aparentemente endurecido pelas vicissitudes de uma vida de missionário extremamente difícil, embora ainda curta, existia uma alma muito sensível e, ao mesmo tempo, uma determinação férrea de prosseguir o seu apostolado. Alguns meses depois, regressava ao Cuale.

Em 1958, depois de haver passado alguns meses no Lucusse, de tão tristes recordações, é colocado no campo missionário da Luz, um campo imenso e muito isolado. Para se avaliar um pouco melhor a ténpera deste missionário, permito-me citar, entre muitos, apenas um exemplo. Quando o pastor Candeias chega à missão da Luz, há muitos anos que este campo não era visitado por um missionário. Nesta altura, o casal Candeias já tinha 4 filhos, além do Samuel: o Euclides, o Rui, o Ataíde e o David. Mal arrumou, na sua nova casa, os poucos haveres que possuía, meteu toda a família dentro da carrinha e, durante um mês inteiro, percorreu toda a área que lhe tinha sido confiada, visitando as aldeias, as igrejas, as catequeses, as es-

colas. A sua carrinha serviu, ao mesmo tempo, de meio de locomoção, durante o dia, e de cama, durante a noite!

A resistência humana tem limites. Em 1968, de regresso de férias, sente que já não tem muitas forças. Uma doença impiedosa havia-as minado: a doença de Parkinson. Nesse ano, uma nova e insuperável tragédia atinge a família Candeias. O David, com apenas 16 anos incompletos, é vítima dum brutal acidente, quando, com outros jovens da igreja de Benguela, se dirigia, de bicicleta, para um acampamento. O seu estado de saúde agravava-se sobremaneira. Em 1978, regressa definitivamente a Portugal, passando a residir no Cacém.

À cerimónia fúnebre, dirigida pelo pastor Joaquim Morgado e realizada na igreja da Reboleira, de que era membro, esteve presente um bom número de irmãos, muitos familiares e amigos e alguns pastores.

O pastor Candeias descansa, agora, das suas fadigas, e estou certo de que também as suas obras o seguirão (Apoc. 14:13). Possa o seu exemplo, a sua constância, a sua fé na mensagem do Advento, que pregou e defendeu com tanto zelo, inspirar-nos a permanecer e a batalhar pela «fé que uma vez foi dada aos santos» (Judas 3).

À família enlutada e, em especial, à irmã Alina, ao Samuel, ao Euclides, ao Rui e ao Ataíde, com os nossos pêsames, aqui fica a expressão dos nossos sentimentos muito profundos e sinceros, no desejo de que o conforto da Palavra de Deus e «a paz do Senhor, que excede todo o entendimento, guarde os seus corações e os seus sentimentos em Cristo Jesus» (Fil. 4:7), até àquele dia em que Jesus há-de vir para juntar os recolhidos, que a morte separou, para não haver mais separação, nem dor, nem lágrimas, nem morte (Apoc. 21:4).

Juvenal Gomes,
pastor

Aguardando a Ressurreição

Pastor Ataíde M. Candeias



No dia 11 de Janeiro de 1993, na Casa de Saúde das Amoreiras, em Lisboa, onde se encontrava internado, faleceu, com 79 anos de idade, o pastor Ataíde Candeias.

Natural de Portalegre, conhe-

ceu a mensagem adventista através de um colega quando se encontrava a cumprir o serviço militar, aceitando-a de imediato e de todo o seu coração.

Por volta de 1940, veio para Lisboa para frequentar o curso bíblico, como então se chamava o primeiro curso de teologia em Portugal. O seu objectivo era partir, como missionário, para Angola, desejo que se realizou em 1944, já casado com a irmã Ana de Almeida, de quem veio a ter o seu primeiro filho, Samuel.

A Missão do Lucusse foi o seu primeiro campo de trabalho, mas a sua felicidade não durou muito tempo. Atacada por uma biliosa, a irmã Ana é transpor-

Síntese Mundial Via Conferência Geral

RELATÓRIO DE MISSÃO GLOBAL — Durante os dois primeiros anos do programa evangelístico Missão Global, a Igreja conheceu um crescimento superior a todas as expectativas. Nunca antes tivemos a proporção de 1 batismo em cada 52 segundos. Nunca antes organizámos uma igreja por dia.

No dia Mundial de Baptismos de 1992, o número de pessoas baptizadas nesse dia ultrapassou os 75.000. Só numa cidade da China, num dia de Julho de 1992, baptizaram-se 2.000 pessoas. A China é um dos lugares em que os novos crentes resultam principalmente do ministério da Rádio Mundial Adventista e do trabalho dos membros leigos.

Durante o ano de 1992, os membros da Divisão Euro-asiática (antiga União Soviética) aumentaram em 48,5%, em grande parte como resultado das campanhas de evangelização realizadas pelos pastores locais e por obreiros de outras Divisões. O ministério da rádio também teve a sua quota-parte neste êxito. Há pelo menos seis estações a irradiarem programas adventistas e o programa «Está Escrito», como já foi divulgado, está sendo actualmente passado na televisão nacional em Moscovo.

A Mensagem Adventista penetrou pela primeira vez no Butão, e após dois baptismos realizados recentemente, temos agora 8 membros naquele território. Fizemos também uma boa entrada no Camboja, principalmente através de antigos refugiados que se tinham fixado na Tailândia e voltaram depois à sua pátria. Em Oman temos também uma

bela congregação de pelo menos 150 membros.

Os Adventistas do Sétimo Dia têm agora uma presença em 205 países, alcançando este ano quatro dos que faltavam. Mas agora, em virtude de mudanças políticas, existem mais 14 nações.

O orçamento da Conferência Geral para 1993 inclui a maior verba jamais atribuída à Missão Global, ou seja, 195 mil contos. Tal quantia destina-se a projectos específicos de evangelização tanto em comunidades ou cidades em que a Igreja está implantada como em lugares e grupos não penetrados, provendo simultaneamente um incentivo para que a Igreja, em todos os seus níveis de organização dedique anualmente uma crescente percentagem dos seus recursos a projectos evangelísticos nos seus territórios.

ALBÂNIA — Segundo notícias de David Currie, evangelista da Divisão Trans-europeia, a Albânia conta actualmente 92 membros baptizados, mas espera-se que este número ultrapasse em breve os 150. «Estamos diante de oportunidades sem precedentes neste país» declara ele.

Os baptismos realizados nos meses de Agosto e Setembro, no Mar Adriático, em Dures, e em Tirana, numa piscina, totalizaram 56 pessoas.

Várias reuniões terão lugar brevemente em várias cidades albanesas, incluindo Korce, onde, nos anos 30, Daniel Lewis, missionário americano, estabeleceu a primeira congregação de crentes.

ILHA DE GUAM — Após ter as suas emissões reduzidas, em virtude dos prejuízos cau-

sados pelo tufão Omar, a Rádio Mundial Adventista, sediada na Ilha de Guam, retomou o seu curso normal. Engenheiros completaram as reparações em três das quatro antenas da estação e num dos transmissores.

Um segundo tufão, o Brian, que também passou sobre Guam no passado mês de No-

vembro, varrendo 130 mil em quatro horas, atingiu a nas o sul de Guam, pelo desta vez, não causou prejuízos à estação adventista KSDA, que permanece no cumprimento a sua importante missão evangelizadora.

Robert S. Folkenberg
Presidente da C. G.

Angola: Notícias

Como é do conhecimento geral, vive-se de novo uma situação de guerra em Angola. Logo que se deu este agravamento, a direcção da Igreja contactou com os missionários estrangeiros que ali se encontravam e pediu-lhes que regressassem aos seus países, o que de facto aconteceu, com excepção de um arquitecto alemão, não adventista, que tomou a decisão de ficar no Hospital do Bongo.

Os delegados da União Angolana ainda conseguiram deslocar-se à Suíça para o Conselho Anual da Divisão, tal como a fotografia o documenta, mas na altura, ainda não tinha havido os intensos combates que ocorreram posteriormente. Sabemos agora que a sede da nossa Igreja, no Huambo, e a Escola Adventista desta cidade sofreram sérios danos, mas o pior é que, infelizmente, há também a lamentar a perda de vidas humanas.

Em Lubango (antiga Sá da Bandeira), foram mortos muitos

irmãos nossos, e o mesmo aconteceu em Benguela. Alguns ainda conseguiram fugir, mas muita gente desaparecida, quem não temos notícias concretas. Confirmada está a morte de dois pastores em Luanda. Em Sábado. Vinham de celebrar uma cerimónia de Santa Ceia numa igreja fora da cidade. Quando se depararam com intenso tiroteio, abrigaram-se numa casa abandonada que foi invadida por homens armados, que os tiraram para fora e os mataram diante do povo. Um destes irmãos, Daniel Matias, era o Pastor da Igreja Central de Luanda e também professor no nosso Seminário.

Apesar das nossas tentativas não nos tem sido possível obter informações detalhadas acerca dos nomes de outros irmãos que também terão morrido. A situação é bastante grave, complexa e preocupante. É num momento como este que os nossos irmãos precisam, mais do que nunca, de orações de intercessão em seu favor.



A Rádio Mundial Adventista está transformando vidas em todo o mundo

Nesta era de tecnologia moderna e de bombardeamento pelos meios de informação, muitas são as mensagens que alcançam os ouvidos do povo. Os governos gastam bilhões para construir estações de rádio e enviarem rios de informação. Milhares de estações enchem as ondas hertzianas com as suas mensagens.

No meio de muitas vozes, há pelo menos uma emissão que faz mais do que emitir sons: é a Rádio Mundial Adventista, que, com uma clara mensagem do Evangelho, pode transformar a vida de muitas pessoas. Eis alguns exemplos:

— Um assassino numa prisão africana, condenado a prisão perpétua, ficou tão mudado pelos programas que ouviu na Rádio Mundial Adventista [AWR] que a sua sentença foi primeiro reduzida e a seguir comutada.

— Um marinheiro de um navio chinês ficou tão transformado com o programa da AWR-Ásia que começou a partilhar a sua fé a bordo do navio. Um dos marinheiros ficou tão mudado com o testemunho do seu colega que os seus pais decidiram estudar também a Bíblia.

— Um aficionado da onda curta, na Alemanha, escreveu: «Há algo de diferente nos programas da AWR-Europa. Talvez seja a variedade — gosto particularmente do vosso programa sobre arqueologia — ou talvez seja porque os vossos pregadores não gritam! De qualquer modo, gosto mais dos vossos programas

do que das outras emissões evangélicas.»

«A AWR não é mais um programa», diz Walter Scragg, presidente da AWR, «porque as suas emissões procuram falar às necessidades da pessoa no seu todo, fornecendo a perspectiva adventista em todos os aspectos da vida, através de programas sobre saúde, vida familiar, problemas da juventude e histórias para crianças, tanto como de mensagens devocionais e doutrinárias.

«Os nossos programas são a sua melhor promoção. A AWR tornou-se conhecida como um dos programas radiofónicos de melhor qualidade. Muitas pessoas dizem que sintonizaram o nosso programa por acaso, mas que a seguir o comunicaram aos seus amigos, e assim o círculo vai-se alargando.»

— Numa longínqua aldeia do Paquistão, uma família começou a ouvir diariamente a emissão da AWR na sua própria língua e gostaram tanto que falaram dela aos seus vizinhos. Em breve havia seis famílias a ouvirem a Rádio, a estudar juntas o curso de Bíblia por correspondência e, pouco depois, a guardar o sábado. Um pastor adventista visitou pela primeira vez esta área, descobriu esses guardadores do Sábado, deu-lhes estudos bíblicos e baptizou todas as seis famílias. Hoje, eles gravam as emissões radiofónicas da AWR e levam-nas às aldeias vizinhas para interessar o povo no programa radiofónico da Igreja Adventista.

«Em anos recentes», diz Scragg, «descobrimos que os

programas da AWR não só 'semeiam', mas também, em muitos lugares, 'alimentam' os novos crentes. Há famílias e grupos de pessoas, grandes e pequenos, em áreas tão remotas que é difícil serem visitados por pastores, e nem sequer temos pastores suficientes para isso, e assim, a emissão diária da AWR torna-se o seu pastor. A seguinte história é disso exemplo:

— Uma família adventista do sétimo dia mudou-se para o interior da Guatemala e ali descobriu as emissões da AWR-América Latina. Ficaram maravilhados, dado que não havia perto deles nenhuma igreja. Começaram a convidar os vizinhos para virem ouvir as emissões. Poucos anos depois escreveram ao escritório da AWR na Guatemala pedindo que um pastor os visitasse, porque havia várias pessoas que queriam ser baptizadas. Quando o pastor lá chegou, viu que havia 10 pessoas para baptizar. E teve outra surpresa: a família adventista e a maior parte dos novos conversos tinham guardado os seus dízimos durante aqueles anos e entregaram-nos ao pastor, para os levar ao escritório da União! É muito difícil ir àquela área porque demora vários dias a lá chegar.

— Um outro fenómeno é a quantidade de pastores e igrejas de outras denominações que escrevem e dizem que usam o material que ouvem na AWR para os seus sermões e reuniões de igreja: Por exemplo, em Myanmar, na Birmânia, a Escola Bíblica por correspondência teve conhecimento

disso através de várias congregações de Baptistas e Igreja de Deus. Os seus membros apreciam tanto as emissões em birmanês que as gravam e depois usam em reuniões de oração.

Michael Ryan, director do projecto evangelístico Missão Global, disse recentemente o seguinte, acerca do trabalho realizado pela AWR: «Há no mundo centenas de grupos linguísticos em que a Igreja Adventista do Sétimo Dia não tem qualquer presença. A muitos destes lugares, é impossível enviar qualquer pessoa. A Igreja tem de confiar tal responsabilidade à Rádio Mundial Adventista.»

A AWR não é mais um programa, mas um instrumento que Deus está usando para terminar o trabalho de Deus. Actualmente, a AWR emite mais de 750 horas por semana, em 35 línguas. Espera-se que no fim deste ano esse total excederá 1000 horas por semana, em 40 línguas, cobrindo todo o globo com o Evangelho.

A AWR está grata aos membros da Igreja de todo o mundo, cujos dons e orações tornaram isto possível. Quando a oferta para a Rádio Mundial Adventista for levantada, no próximo dia 13 de Fevereiro, lembremo-nos de que não estamos ajudando a financiar mais um programa radiofónico, mas sim tornando possível uma mensagem de esperança, capaz de transformar vidas, a qual é tão necessária no nosso mundo de hoje.

Andrea Steele

Relações Públicas da AWR